

Colonialismo e libertação: Tensões raciais em *A geração da Utopia*, de Pepetela

Colonialism and liberation: Racial tensions in *A geração da Utopia*, by Pepetela

Matheus Vieira dos Santos¹

RESUMO

O colonizador cria e mantém a prática racista para justificar sua dominação, formando um mundo dual cujos pólos se invertem na Luta de Libertação Nacional. Estas tensões raciais, diferentes entre os colonizados e colonizadores, estão presentes na narrativa *A geração da Utopia*, de Pepetela. Nesta obra, vemos, por um lado, personagens negras sofrendo racismo dos portugueses; e, por outro, Sara, uma das protagonistas, sendo alvo da desconfiança dos companheiros negros do movimento de libertação.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Violência; Relações coloniais; Luta de Libertação Nacional; Pepetela.

ABSTRACT

The colonizer creates and maintains the racist practice to justify his domination, forming a dual world which poles are reversed in the war of national Liberation. These racial tensions, different between the colonized and colonizers, are present in *A geração da Utopia*, by Pepetela. In this novel, we see, on one hand, black characters suffering racism from the Portuguese; and, on the other hand, Sara, one of the protagonists, being the target of the distrust of the black comrades of the libertarian movement.

KEYWORDS: Racism; Violence; Colonial relations; War of National Liberation; Pepetela.

¹ Mestrando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa com a pesquisa *O passado e a história no contemporâneo: Análise da construção histórica pelo passado narrativo de três romances contemporâneos de diferentes campos literários africanos*.

Dentre as estratégias colonialistas para manutenção do domínio, o racismo se configurou como uma arma poderosa para legitimar as empreitadas de conquista e de desumanização exercidas sobre grandes parcelas da população global. Dessa forma, os europeus, para tornar a ocupação de suas colônias algo menos intragável em relação à opinião pública interna dos respectivos países – e mesmo em nível continental –, buscaram, em certos aspectos de diferenças culturais e biológicas, argumentos para justificarem suas ações.

Pretendendo amenizar as brutalidades cometidas nas guerras e nos massacres para conquista territorial, bem como nas práticas de ocupação nos territórios africanos, colocou-se em execução medidas – institucionais e sociais – que visavam criar e exacerbar diferenças e, com isto, estabelecer uma hierarquia, na qual o povo branco seria alçado como mais desenvolvido que os outros povos – sendo assim possível de se proclamar o portador da Civilização, cujo dever seria levá-la aos atrasados². Albert Memmi, em seu estudo sobre as relações entre colonizados e colonizadores, já identifica características do racismo colonial:

A existência da luta armada indica que o povo decide só ter confiança nos meios violentos. Ele, a quem não se cessou nunca de afirmar que só compreendia a linguagem da força, decide se exprimir pela força. Na verdade, desde sempre, o colono lhe codificou o caminho que deveria ser o seu, se ele quisesse se libertar. O argumento que escolheu o colonizado lhe foi indicado pelo colono e, por uma irônica reviravolta das coisas, é o colonizado que, agora, afirma que o colonialista só compreende a força. (FANON, 2003, p. 81, tradução nossa)

Fanon pensava, neste consagrado livro *Les damnés de la terre* [Os condenados da terra] (2003), sobretudo no caso argelino, mas podemos – assim como o próprio autor o faz –, usar as reflexões para outras experiências coloniais em África. Neste caso, então, poder-se-ão aclarar, por exemplo, algumas situações

² Vale a pena notar que na colonização da América, o aspecto religioso, e não tanto o cultural-tecnológico, foi utilizado como o grande argumento para os crimes e mortes da ocupação colonial.

de Angola e de seu processo de libertação nacional. Este momento de ruptura com a prática colonial aparece em algumas obras literárias que, num primeiro momento, tiveram como algumas de suas preocupações a mudança de voz – e de ponto de vista – na construção da narrativa histórica de seus países, assim como a construção nacional a partir de uma reconquista, também, do imaginário cultural.

A obra de Pepetela aparece, nesse sentido, como uma importante contribuição para a afirmação literária no período de Independência e construção de Angola. Sua produção percorre tempos históricos os mais remotos e a época mais contemporânea de colonização, Luta de Libertação e Independência. Com seu tom questionador e crítico, o autor constrói em *A geração da Utopia* (2013a) um percurso que começa no fim da dominação colonial (1961, ano do começo da Luta) e termina no momento em que o livro foi escrito (anos 90).

Nesta obra, assim como em outras³ do escritor, aparecem tensões nas relações sociais entre as personagens, posto que todas elas são, em certa medida, oriundas do sistema colonial. É dessa forma, por exemplo, que Laurindo – estudante angolano envolvido nos movimentos políticos – explica ser alvo de racismo, ainda que velado, em Lisboa, numa conversa com Sara – estudante de medicina, engajada politicamente, branca, mas também angolana e uma das protagonistas da obra. Vejamos um trecho do diálogo:

– As pessoas olham de lado, mais do que antes. Pergunto-me se não é só imaginação, às vezes não estou tão seguro. Mas nunca ninguém me insultou, lá isso não. Talvez maior brusquidão numa bicha, talvez uma fala mais impaciente se não me decido logo a comprar algo numa loja, talvez... (PEPETELA, 2013a, p. 91)

A atenuação que vemos, por se tratar do espaço da metrópole, não muda, contudo, o fato racista discutido por Memmi e Fanon, pois o desprezo aparece como uma das diversas maneiras de manifestação do racismo, todas constituintes desta rede de práticas enquanto “verdadeiro ‘fenômeno social total’” (BALIBAR;

³ Pensamos, sobretudo, em *Mayombe* (2013b), livro onde encontramos tensões raciais envolvendo a personagem mestiça Teoria (principalmente p. 14).

WALLERSTEIN, 1997, p. 28, tradução nossa). A situação nas colônias desvelaria, assim, a violência desses olhares, dessa brusquidão, tornando-a mais evidente, sem espaço para indecisão. A resposta de Sara esclarece e afirma um pouco mais sobre essa situação racista em Portugal:

– Não tenhas dúvidas, o racismo cresceu muito. Há uma vaga de patriotismo provocada pelos acontecimentos. Bem podem dizer, somos todos portugueses e existe uma sociedade plurirracial. Mas as pessoas de cor diferente são vistas como estrangeiros indesejáveis. Pior, perigosos. O nacionalismo provoca isso. (PEPETELA, p. 91)

Segue-se, então, uma discussão sobre esta relação entre o nacionalismo e o racismo. As personagens debatem sobre o caso do nacionalismo angolano: se este também entraria na lógica racista vista nos portugueses em Lisboa. A conclusão, pela boca de Sara é de que “No nosso caso, ou no de África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. [...] Mas provoca também exclusões injustas” (PEPETELA, 2013a, p. 91-92). A constatação de que há também um caráter de exclusão nos movimentos nacionalistas africanos – ainda que com aspectos diferentes da exclusão europeia – aparece também na obra de Memmi:

Considerado em bloco como eles ou *os outros*, sob todos os pontos de vista, diferente, homogeneizado numa radical heterogeneidade, o colonizado reage recusando em bloco todos os colonizadores. E mesmo, algumas vezes, todos aqueles que se lhe assemelham, todo aquele que não é, como ele, oprimido. [...] [pois] Com todo seu peso, intencionalmente ou não, eles [os europeus] contribuem a perpetuar a opressão colonial. Enfim, se a xenofobia e o racismo consistem em acusar globalmente todo um grupo humano, a condenar *a priori* qualquer indivíduo deste grupo, atribuindo-lhe um ser e um comportamento irremediavelmente fixo e no-civo, o colonizado é, com efeito, xenófobo e racista; ele se tornou assim. (MEMMI, 2002, p. 145, tradução nossa)

Podemos entender, assim, o caráter racial que toma as “exclusões injustas” das quais Sara se vê alvo, já que, como todo europeu ou descendente de europeu, participa da manutenção do sistema colonial, tendo privilégios e apoios institucionais apenas pelo fato de ser branca. Contudo, a personagem – assim como o próprio autor e outras pesso-as brancas – tem consciência de todo o sistema de opressão e decide-se, sem pestanejar, pelo lado angolano no confronto que poria fim ao colonialismo, assumindo, inclusive, a nacionalidade angolana – ligada, no caso da personagem e do autor, ao local de nascença e infância.

Ainda que entenda, como vimos, como necessária esta fase de nacionalismo – sempre acompanhada pelo racismo e xenofobia –, a estudante de medicina deixa claro seu incômodo pessoal com esta situação de desconfiança:

– [...] Estou um pouco baralhada. Sinto-me marginalizada dos amigos e francamente não sei a quem pedir opinião. Primeiro achava que devia ir logo para a terra, depois de acabar o curso. Neste momento não me sinto capaz de viver naquela sociedade colonial, cheia de racismos. Os outros movimentam-se, noto que discutem, mas nada me dizem. Queria alinhar num projeto coletivo e não ter de decidir individualmente sobre a minha vida. Percebes o que quero dizer? (PEPETELA, 2013a, p. 110)

É importante notar, primeiramente, neste trecho, como o texto procura mostrar que existe, de fato, uma diferença entre o racismo nos espaços da metrópole e da colô-nia; lugar este em que não há quaisquer tipos de suavização de atitudes preconceituosas. Além disso, percebemos nitidamente como Sara se sente apartada do movimento coletivo, com o qual ela se identifica e deseja se alinhar.

Ainda que a personagem esteja com boas intenções, não parece haver espaço para o “talvez”, neste universo de “sim” e “não”, uma vez que o colonizador instaurou uma separação que se torna fixa e inquestionável. Seguindo o processo de análise de Memmi e Fanon, podemos perceber que talvez não houvesse outras formas de o movimento de Libertação Nacional conseguir outra resposta a este

dilema racista, em virtude de estar inserido na lógica dual; ainda que, e justamente por almejar o fim desta ordem colonial. Sem nos esquecermos dos estudos de Fanon (2003; 2013), em que o pensador afirma ser somente um passo – que necessariamente deveria ser superado –, podemos fechar nosso breve percurso com uma última palavra de Memmi, que exporia este movimento de resposta racista do nacionalismo do colonizado, mostrando, além disso, a necessidade e a legitimidade desta violência do oprimido, destacando-a e diferenciando-a daquela exercida pelo opressor:

Considerado e tratado separadamente pelo racismo colonialista, o colonizado acaba por se aceitar separado; por aceitar esta divisão maniqueísta da colônia e, por extensão, do mundo inteiro. [...] O racismo colonizado não é, em suma, nem biológico nem metafísico, mas social e histórico. Ele não é baseado na crença na inferioridade do grupo detestado, mas na convicção, e em uma grande medida na constatação, que ele é definitivamente agressor e nocivo. Mais ainda: se o racismo europeu moderno detesta e despreza mais que teme, este do colonizado teme e continua a admirar. Enfim, não é um racismo de agressão, mas de defesa. (MEMMI, 2002, p. 146, tradução nossa)

Referências bibliográficas

BALIBAR, Étienne; WALLERSTEIN, Immanuel. *Race, nation, classe: Les identités ambiguës*. Paris: La découverte; Syros, 1997.

FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: La découverte, 2003.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, 2013.

MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé précédé de Portrait du colonisateur*. Paris: Gallimard, 2002.

PEPETELA. *A geração da utopia*. São Paulo: LeYa, 2013a.

_____. *Mayombe*. São Paulo: LeYa, 2013b.

Recebido em 31/03/2019

Aceito em 11/07/2019